

A JUVENILIZAÇÃO DA EJA: QUAIS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?

Roseli Vaz **Carvalho** – UTP

Agência Financiadora: CNPq

Este trabalho integra uma pesquisa de Mestrado em Educação, em andamento, que tem como interrogação de estudo: Que práticas pedagógicas estão sendo utilizadas para atender equitativamente jovens e adultos presentes no mesmo espaço de sala de aula, e como se articulam educação básica e formação profissional no processo de ensino-aprendizagem.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil tem passado por profundas modificações ao longo dos tempos, dentre elas, a crescente juvenilização de seu alunado, sinalizando para a necessidade de novas formas de atuação metodológica e de conteúdos com base em necessidades formativas. A inserção do jovem nesta modalidade de ensino tem se configurado como um fator desafiador para uma nova forma de fazer a EJA, conforme destaca Vera Masagão:

Um elemento que vem complicar a construção de uma identidade pedagógica do ensino e de sua adequação as características específicas da população a que destina é o processo notado em todas as regiões do país, assim como em outros países da América Latina, de juvenilização da clientela (2001, p.5).

A juvenilização, intensificada na contemporaneidade, decorre das deficiências do sistema escolar como a evasão e a repetência, que ocasionam a defasagem entre a idade e série; da busca pela certificação escolar oriunda da necessidade de trabalhar; da dificuldade de acesso; da ausência de motivação para o retorno a escola, entre outras.

O ingresso cada vez mais antecipado dos jovens no mercado de trabalho, principalmente das camadas de baixa renda, tem provocado uma grande demanda nos programas de educação inicialmente destinados a adultos. Para esse contingente de jovens, a educação está articulada ao ingresso e a intenção de ingressar no mundo do trabalho, cujas expectativas estão direcionadas as novas exigências do mundo moderno, a ascensão e mobilidade social.

A necessidade de ajuste da educação às particularidades de cada educando, diante da invisibilidade do jovem na EJA, presença não considerada em termos de adequação a interesses e tratamento devido a dificuldades em saber lidar com este novo elemento, traz para o foco das discussões a temática da juvenilização nessa modalidade de ensino.

Na ausência de estudos ou debates sobre a questão, e diante da presença dos jovens, em números cada vez maiores nas salas de EJA, os docentes se vêem no desafio de encontrar saídas metodológicas sobre a situação. Nesta perspectiva, Silva e Lima acrescentam que:

A não-incorporação da problemática da juventude na EJA nos conteúdos dos cursos e seminários destinados aos professores deixa uma grande lacuna nos processos de capacitação que não se resolve pela prática em curso, de professores agindo individualmente, sem uma discussão coletiva que possibilite a sistematização das experiências individuais, de forma a levantar elementos teórico-metodológicos que contribuam para o enriquecimento das práticas pedagógicas e que apontem caminhos capazes de responder aos desafios pedagógicos trazidos pela presença dos jovens no cotidiano da EJA (2007, p.250).

Neste Contexto, a presença dos jovens na EJA tem gerado grandes conflitos nas últimas décadas, por parte dos professores que atuam nesta modalidade de ensino. O problema tem alcançado amplitudes conceituais, metodológicas e comportamentais, isto é, como atuar com este novo elemento, desconhecido, se anteriormente o direcionamento era para a figura passiva do adulto, e agora defrontam-se com o desafio de ensinar a juventude.

Este caminho de incertezas e indagações tem sido percorrido por muitos educadores e várias posturas têm sido adotadas, a grande maioria opta por invisibilizá-los ou então por submetê-los à figura simbólica de aluno, ou seja, sem que seus interesses e necessidades sejam contempladas¹.

Diante deste cenário, no qual vários atores se colocam em posição de enfrentamento, cujo cotidiano nos remete a várias imagens a cerca da juventude dificultando nossa compreensão sobre os jovens, e de como realizar o processo de ensino e aprendizagem é que direcionamos nossa pesquisa.

Muitas pesquisas, realizadas, tem tomado a juventude como uma fase homogênea, constituída por indivíduos pertencentes a uma faixa etária, isto é, biologicamente estabelecida e demarcada pela idade, e muitas associadas a certas instabilidades sociais, como a irresponsabilidade, o desinteresse e desvios comportamentais.

Assim, esta investigação percorrerá o caminho inverso, trará a juventude como uma construção social, pois entende-se que a juventude é composta por um conjunto heterogêneo de indivíduos, com culturas diversificadas; diferentes situações econômicas; diferentes estilos, comportamentos, interesses, necessidades e ocupações, para Bordieu (2003) “seria um abuso de linguagem subsumir no mesmo conceito universos sociais que praticamente nada tem em comum” (p.153).

Este universo de compreensão da juventude como uma construção social, significa entendê-la a partir da realidade social existente, isto é, a partir do contexto social no qual

¹ Muitas pesquisas realizadas na área da educação de jovens e adultos apontam que os jovens são ignorados no processo de ensino e aprendizagem.

estão inscritos, envolvendo toda a diversidade que o constitui, e das normas que configuram tal sociedade.

A contemporaneidade tem imposto aos jovens regras de sobrevivência que acabam por tirar de alguns o direito de usufruir de sua juventude, impondo-lhes a necessidade do trabalho para coexistir em uma sociedade permeada pela oferta de poder: de poder ser, de poder vir a ser e de poder viver.

As regras sociais enquadram os jovens em “duas juventudes”², a primeira, na qual a idade biológica se constitui como direito: a estudar; a irresponsabilidade³; lazer; tempo; sonhar, enfim, as regalias proporcionadas por esta fase da vida. A segunda, compreendendo a mesma idade biológica, que contrária a primeira, compreende a idade social; Coloca os jovens prematuramente na disputa pelo mercado de trabalho, com responsabilidades de suprir suas necessidades existenciais, sem tempo para sonhar.

Dessa forma, habita-se um mundo que comporta “duas juventudes”, cuja transição para a idade adulta é “socialmente manipulada e manipulável” (BOURDIEU, 2003, p. 153). As possibilidades oferecidas aos jovens são desiguais, existindo em uma mesma faixa etária a indefinição do que é ser jovem. Sendo adultos no enfrentamento de algumas realidades como o trabalho, a família, o fantasma do desemprego, assumindo assim, responsabilidades que de acordo com as normas sociais são pertencentes aos adultos e na outra juventude a possibilidade de ser criança para realizar essas atividades, como diz Bourdieu (2003, p. 153) “da irresponsabilidade provisória”.

Cada sociedade elabora suas leis de acordo com as necessidades que lhe cabem justificar suas deficiências em determinado contexto histórico, para Bourdieu (2003),

A idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de se falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação (2003, p. 153).

Assim, a juventude atual é uma construção social e não comporta sua identificação pelo limite da idade biológica, pois o jovem tem contraído responsabilidades que lhe possibilita o estatuto de adulto.

Para Pais (2003), “a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo” (PAIS, 2003, p.37).

² Termo utilizado por Pierre Bourdieu para evidenciar a existência de duas juventudes em uma mesma faixa etária, uma composta pela idade biológica e outra pela idade social.

³ Irresponsabilidade utilizada no sentido contrário à responsabilidade.

O desafio, portanto, para a EJA, reside na articulação entre o acadêmico e o profissional; entre o jovem e o adulto, buscando a mesma formação em um espaço compartilhado. Diante dessas reflexões, as interrogações centrais desta pesquisa são: 1) Como este processo de juvenilização na EJA é concebido pelos professores e pela escola? 2) Que práticas pedagógicas estão sendo utilizadas de forma a atender as diferenças etárias e os ritmos de aprendizagem dos jovens e dos adultos? 3) Como os jovens se vêem neste processo, e o que buscam nele? 4) Como tem sido oferecido a EJA aos jovens que dela necessitam, com base na articulação entre educação básica e a formação profissional? 5) Que proposta curricular está sendo articulada na educação de jovens e adultos visando atender estas expectativas? 6) Que perfil de educador é necessário para acolher e trabalhar com essas demandas? 7) A diferença de faixa etária traz alguma implicação no processo de aquisição do conhecimento? 8) O processo de juvenilização tem provocado alterações na forma de conceber a EJA? 9) Como convivem jovens e adultos nos processos formativos da escola?

Conhecer as respostas a estas indagações significa sair do campo de experiências no qual tudo é permitido, e definir-se sua natureza pedagógica, possibilitando novas formas de atuação na prática pedagógica.

Dessa forma, a pesquisa de teor qualitativo será realizada junto à instituição de ensino público estadual de Curitiba, e terá como técnicas de coleta de dados, questionário e entrevistas, a serem realizadas com jovens estudantes, bem como, a observação e a análise de documentos da instituição mencionada. A faixa etária dos jovens compreendida será dos 15 anos aos 29 anos, esta seleção partiu da compreensão da dimensão de inserção do jovem na EJA, tendo como base o entendimento do conceito de juventude como uma construção social.

Até presente estágio da pesquisa foi possível constatar que: 1) Presença marcante de jovens entre os adultos; 2) Dificuldade em perceber o jovem como novo integrante da EJA; 3) Imposição de adequação ao jovem aos moldes instituídos; 4) Utilização de mesma prática pedagógica aos adultos e aos jovens.

REFERENCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Ed. Fim de Século – Edições, sociedade Unipessoal, Ltda. Lisboa, 2003.

HADDAD, Sérgio. *Novos Caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA*. São Paulo: Global, 2007.

RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil*. Cad. CEDES, vol.21 n° 55. Campinas. Nov.2001. Disponível <http://www.scielo.com.br>.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.